

## SOBRE PARIR <sup>1</sup>

Tayná Teixeira Chaves Trindade  
UFSC – Santa Catarina, Brasil.

Palavras-chave: Técnicas; Movimento; Pensamento.

Esta é uma reflexão sobre práticas e técnicas envolvidas em processos de parir e de ver parir. Seu conteúdo está baseado nos estudos que realizei durante o curso de Mestrado em Antropologia Social.

A pesquisa em questão foi realizada com mulheres que optaram pela experiência do parto natural e com profissionais que dão suporte a elas. O objetivo central é compreender a *eficácia* do parto natural para os envolvidos, e como ela se constitui. Eficácia é entendida aqui como consta no conceito de ato técnico formulado por Marcel Mauss: “Chamo de técnica um ato tradicional eficaz” (p. 407, 2003). Técnicas precisam ser eficazes. Mas o que é eficácia? Mauss afirma que a diferença entre o ato técnico e os outros atos humanos, como os religiosos ou morais, é que este “é sentido pelo autor como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química, e é efetuado com esse objetivo” (p. 407, 2003). O ato técnico possui um fim material. Ele quer provocar um efeito físico no mundo. Mas não só. Neste estudo, segundo sua interpretação de Marcel Mauss, compreende-se que ao praticar uma técnica o sujeito espera alcançar objetivos que não se limitam aos efeitos materiais. A materialidade está presente, mas existem outras dimensões em jogo. Por este motivo o estudo esteve atento ao que as mulheres fazem, a como fazem, e ao que querem com aquilo que fazem.

Na dissertação, apresento esta pesquisa contando uma história. O texto nada mais é do que um conto da vida real. Uma história construída a partir de muitas outras. A história de minha experiência com estas mulheres. Minha caminhada entre elas e com elas. Eu conto a minha história e o que vivi enquanto presenciava e ouvia as histórias delas. Para esta experiência de escrita, me baseio nas ideias de Tim Ingold (2002) acerca da construção e compartilhar do conhecimento. Aqui, neste artigo, vou apresentar as linhas gerais deste estudo. Meu foco será contar a você, leitor, os fenômenos e as discussões que mais interessam ao tema do grupo de trabalho em questão, intitulado *Corpo e Técnicas*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

A atitude metodológica foi viver entre as mulheres. Conhecê-las, observá-las, fazer coisas com elas, ouvi-las. Participei de três ciclos – com oito encontros cada – de uma roda de gestantes. Estive em outros espaços onde estas mulheres se encontravam, e realizei conversas abertas e profundas com dez mulheres. Cinco mulheres que decidiram parir naturalmente, e cinco profissionais do parto natural. Esta vivência etnográfica indicou que as gestantes passam por um complexo processo de escolhas técnicas, e um também complexo processo de aprendizado. Ambos se dão entrelaçados, inseparáveis. Influenciam um ao outro. Impulsionam um ao outro. Ambos também sofrem interferências de diversas variáveis.

**Escolhas.** As mulheres escolhem parir. Elas escolhem parir, e como irão parir. As mulheres com quem estudei escolheram parir do modo mais natural possível. A partir deste momento, um processo complexo de escolhas é desencadeado. Para pensar sobre este processo, baseio-me nas ideias de Lemonnier (1993). Este autor estuda *escolhas técnicas* e o que me fascinou em seu trabalho é o fato de pensar os atos técnicos como atividades que possuem objetivos materiais, mas são atravessadas por inumeráveis outras questões, oriundas de outras dimensões da vida. Nossos atos técnicos nunca são puramente técnicos. Tal coisa não existe. A técnica é social e completamente atravessada por ele. O que vivi em campo me aproxima fortemente desta perspectiva. As mulheres escolhem a todo instante. Escolhem como lidar com sua gestação, seu parto, seu pós-parto. Escolhem onde irão parir, com quem irão parir. As técnicas que irão utilizar em toda esta caminhada. As técnicas externas as quais aceitam se submeter, e as quais não aceitam. Elas escolhem. Elas praticam estas técnicas, estas escolhas. Tudo isto está baseado em plena racionalidade, mas não creio a racionalidade como oposta a subjetividade. Elas se completam. Ao escolher, as mulheres estão construindo sua experiência com a maternidade, e fazem isto na tentativa de conquistar alguns objetivos. Desejos. Estes desejos são materiais: Gestar, parir, ver nascer os seus bebês com saúde. Mas não é só disto que se trata o parto, e todas estas escolhas a cerca dele. As mulheres buscam mais coisas. Querem mais coisas. Coisas para além da matéria. O que elas querem?

**Aprendizado.** A caminhada destas mulheres não é feita apenas de um processo complexo de escolhas, mas um processo complexo de aprendizado. As mulheres aprendem a parir. Esta é uma informação de extrema importância, apesar de um tanto óbvia. Por vezes, pautados em senso comum, nos passa pela cabeça que parir é um ato espontâneo, incontrolável. Uma situação fisiológica que não implica necessariamente

em decisão, em preparo. Ele acontece e a mulher apenas vive. Mas sabem, não é bem assim. As mulheres escolhem parir, e elas precisam aprender a parir. E com isto não nego a dimensão fisiológica do parto. Não nego que, em dado momento, o corpo gestante adentra em um estado diferenciado, um estado de parto. Isto é realidade. Mas o corpo gestante “sozinho” - entre muitas aspas - não é capaz de parir. Ele não determina. Sugere. Direciona. Colabora. Como Marcela, parteira, me disse “O corpo, os hormônios... Eles convocam a mulher”. Mas corpos não tem filhos. Hormônios não vivenciam um trabalho de parto. Eles não parem. Mulheres parem.

Para parir precisam aprender, e aprendem. Aprendem com outras mulheres e consigo mesmas. Aprendem com seus próprios corpos. Seus novos corpos. Para pensar a cerca do aprendizado, utilizo Tim Ingold (2010), novamente. As mulheres aprendem no mundo. Aprendem praticando junto. E aprendem ouvindo histórias. Aprendem encontrando, em sua própria trilha, alguns personagens dos quais ouviram falar. “Sentindo na pele”, como costumamos dizer.

**Elas escolheram aprender a parir.** Os processos se dão em completo entrelaçamento, praticamente como um só. Não sei dizer qual deles vem primeiro, e não acho que esta pergunta seja produtora. O ponto importante é que estão juntos, numa relação dinâmica que os impulsiona. Os leva adiante. Escolhas implicam em aprendizados e aprendizados provocam escolhas. Vou lhe dar um exemplo: Uma gestante decide que quer um parto domiciliar. Excelente. Ela fez sua escolha. Esta escolha trás consigo várias consequências. Uma delas é: O parto não contará com anestésias medicamentosas. E agora? Como lidar com a dor? Bem, ela precisa aprender. Aprender a lidar com a dor de uma maneira diferente. Ela passa a se perceber. O que é que me relaxa? O que me ajuda a lidar bem com a dor? Aprende sobre si mesma. Percebe, ao vivenciar uma experiência de dor aleatória, que a respiração é um auxílio interessante. Escolhe. Vai utilizar técnicas de respiração para controle e alívio da dor. Excelente! Um novo caminho foi encontrado. E então? Ela tem que aprender a utilizar de maneira eficaz as tais técnicas de respiração.

E o que é uma técnica de respiração para alívio da dor? Aqui, voltamos a Marcel Mauss. Segundo esta referência, este é um exemplo de técnica do corpo. Como vimos antes, Mauss declara que o ato técnico é tradicional e eficaz. Nós os aprendemos em sociedade e eles funcionam. Mauss fala sobre uma categoria especial entre os atos técnicos: **as técnicas do corpo**. Em “*Sexta parte: As técnicas do corpo*” (p. 399, 2003) ele nos explica que não é preciso ferramenta para haver técnica. “O corpo é o primeiro e

o mais natural instrumento do homem. Mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo.” (p. 407, 2003). Para praticamente tudo utilizamos técnicas corporais, pois não existem maneiras “naturais” de realizar ações cotidianas com nossos corpos. Seres humanos se alimentam. Seres humanos caminham pelo mundo. Mas nós não fazemos isto da mesma maneira. Existem diversas maneiras de caminhar. Diferentes técnicas corporais de caminhada.

A situação é a mesma quando falamos sobre partos. Este fenômeno enraizado em fisiologia também não se dá de modo “naturalmente automático” como alguns podem pensar. As mulheres através do mundo possuem diferentes técnicas corporais para parir. Em meu trabalho de campo presenciei mulheres ensinando e aprendendo técnicas corporais. O número de técnicas compartilhadas é incontável. Algumas focam em questões da gestação, outras do parto, ou do pós. De fato, boa parte da preparação das mulheres é descobrir uma série de técnicas corporais possíveis, para poder escolher, dentre elas, algumas que lhe ajudem em algo. Exemplos clássicos de técnicas do corpo ensinadas para as gestantes são as posições para o trabalho de parto ativo. Uma das mais divulgadas é a posição de cócoras.

A técnica de cócoras para parir é originária de culturas indígenas brasileiras. Estudando e prestando serviços de atendimento médico a população Kaingang, o médico Moisés Paciornik percebeu que a posição utilizada pelas mulheres para parir era extremamente eficiente. Além de facilitar o trabalho de parto, esta técnica preserva o corpo feminino. Mesmo com muitos filhos, estas kaingang possuíam uma musculatura vaginal mais forte e preservada que a maioria das mulheres urbanas. Frente a estes fatos, e em uma relação de proximidade com a comunidade indígena, Moisés Paciornik passou a divulgar este conhecimento. Publicou a obra “*Aprenda a nascer e a viver com os índios - Parto de cócoras, desempenho sexual e ginástica indígena*” (1997).

Esta técnica está se disseminando mundo a fora. Isto me faz pensar sobre a definição que Marcel Mauss dá as técnicas corporais e todos os atos técnicos. *Tradição e eficácia*. Em minha qualificação de Mestrado, uma das professoras questionou: “Será que, para Mauss, estas técnicas das quais você fala seriam realmente técnicas do corpo, visto que ele pensava a tradição e a transmissão num sentido de sociedades? As técnicas francesas, as técnicas inglesas...”. Ela estava certa. Em seu texto, Mauss fala sobre as tradições num sentido de sociedades. Franceses e ingleses caminham de maneiras diferentes. No entanto, acredito que se Mauss estivesse aqui hoje, entenderia meu ponto.

O parir de cócoras é uma técnica corporal desenvolvida e compartilhada, tradicionalmente, dentro da comunidade kaingang. Todavia, vivemos em um momento global onde diferentes tradições técnicas se apresentam ao mundo e compartilham seus saberes. O parir de cócoras deixou de ser uma técnica corporal ao romper as fronteiras de sua comunidade criadora? É errôneo apontar que as mulheres estão aprendendo técnicas corporais, já que estas técnicas são oriundas de comunidades das quais elas não fazem parte? Posso afirmar que na perspectiva das pessoas com as quais estudei, a resposta é não. Estes atos são vistos pelas mulheres como eficazes e como tradicionais. Elas não são mulheres kaingang, mas acreditam que tem o direito de aprendê-los, já que as mulheres criadoras se disponibilizaram a compartilhar sua sabedoria. É como se este conhecimento fosse... Tradicionalmente kaingang, e simultaneamente, tradicionalmente humano. Se está disponível ao aprendizado, oferecido de bom grado, podemos aprender. Estas mulheres brasileiras, urbanas, que como a maioria de nós não sabem dizer exatamente “de onde vieram”, quais ancestralidades correm misteriosas em suas veias, escolhem com quais tradições querem aprender, e identificam estas técnicas como tradicionais para si, pois receberam este saber. Alguém, desta comunidade criadora, escolheu compartilhar. Transmitir.

As mulheres aprendem técnicas corporais para parir. Observando seus processos de preparação, percebi um fenômeno. Uma questão realmente intrigante. Siga-me nesta caminhada reflexiva, por favor.

Na troca de conhecimentos entre mulheres - mulheres que já pariram, que vão parir, que trabalham com partos - as gestantes recebem uma enorme quantidade de informação. Muito deste aprendizado são técnicas corporais. Parte delas são técnicas corporais tradicionais para parir, como a posição de cócoras, ou para outros momentos da vida materna, como as diferentes técnicas corporais para amamentação, ou as técnicas corporais de cuidado com o recém-nascido. No entanto, outra parte das técnicas compartilhadas estão voltadas a outro objetivo: o florescer de um “conhecimento corporal”, ou “saber em movimento”.

Segundo o que presenciei em campo, existe um estado de existência especial que ocorre durante um trabalho de parto. Um estado onde a mulher “sabe o que tem que fazer sem saber”. Pelo menos, sem saber do modo como costumamos compreender o saber. Neste estado diferenciado, a mulher sabe com o seu corpo. As pessoas com quem estudei chamam este lugar de *partolândia*. A **partolândia** é um lugar de desafio, mas também de poder. De profundidade, breu... Mas também de conquista. Algumas

mulheres o definiram como “um mergulho em si mesma”. Na partolândia a mulher pode encontrar suas sombras. Mas pode encontrar também o seu caminho. Estar na partolândia é estar entregue ao processo de parto. Nenhuma das pessoas com que estive fala da partolândia como um lugar fácil. Mas por algum motivo, as gestantes querem conhecê-lo. Elas querem se conhecer. Conhecer sua própria partolândia, entrar por seus portões... A aventura é certa e séria. Se tudo der certo, a mulher volta de lá com seu bebê nos braços.

As profissionais do parto, especialmente, relacionam a partolândia ao que chamam de “cérebro antigo”. Durante seu trabalho com as gestantes, procuram compartilhar técnicas e provocar mudanças a fim de que esta mulher consiga, pouco a pouco, “dar espaço para o cérebro antigo”. De maneira muito resumida, a sugestão destas parteiras, enfermeiras, doulas, médicas... É que durante o trabalho de parto, essencialmente na fase ativa, nosso “cérebro antigo” é o protagonista (as partes que se desenvolveram primeiro, responsáveis pelas funções mais essenciais de nossos organismos, como o sistema nervoso simpático e o sistema nervoso parassimpático). O néo-córtex, parte mais recentemente desenvolvida de nosso cérebro, responsável pela linguagem, está ativo. É óbvio. Mas ele cede espaço. E pelo que percebi, quanto mais espaço ele cede, melhor. Este é o momento do “cérebro antigo” guiar e brilhar.

Estas profissionais deixam claro que não existem pesquisas científicas voltadas especialmente a este tema. Suas colocações são baseadas em suas próprias impressões. Na empiria. Na experiência de trabalhar com partos. Elas também encontram apoio em estudos científicos relacionados, como pesquisas de neurologia que demonstram como, durante o trabalho de parto, as sinapses do néo-córtex são menores enquanto as sinapses das partes mais antigas da massa cerebral ocorrem acima do comum. De todo modo, o que é elas vivenciam todos os dias, no mundo, constrói e dá base a esta teoria.

A partolândia. O *cérebro antigo*. Elas estão falando de um estado de existência, de um lugar de experiência. E estão falando também sobre inteligência. Afinal de contas, falam sobre cérebro, falam sobre uma espécie de sabedoria. Ouvi relatos das profissionais afirmando que, em incontáveis partos, há momentos em que a mulher, sem orientação ou preparação prévia, passa a realizar gestos e movimentos aparentemente aleatórios. Ao fim do processo, então, percebe-se que aquele movimento foi essencial para alguma situação específica, para a progressão e sucesso daquele parto. É como se o corpo da mulher soubesse. Como se ele simplesmente soubesse o que é preciso fazer, ou buscar, para que haja eficiência no processo de parir. Ouvi, ainda, o relato de uma mãe.

De uma mãe que pariu naturalmente e que viveu exatamente esta situação. Este é um trecho de nossa conversa:

O sol começou a nascer... Eu quase dormia, ia para outro mundo durante a pausa... E daí vinha aquela dor sinistra! E passava... Fui assim, até que de repente senti uma energia, uma força. E comecei a me movimentar. Eu não sabia, mas nesta hora... As parteiras estavam mais atentas, porque a minha filha estava cansada. Durante as contrações, os batimentos dela baixavam muito, e já não estavam voltando a frequência que deveriam entre as contrações, sabe? Mas... Sem ninguém dizer nada, eu comecei a fazer umas posições. Fiquei num tecido que eu tinha, agachada, e acho que essa abertura ajudou ela. **Eu não estava sabendo de nada... Mas meu corpo foi me levando a fazer essas coisas.** E, então, comecei a sentir uma energia cada vez maior, uma força e uma vontade de empurrar. [...] Tudo mudou. (Fala da Joana).

Este é um pequenino trecho retirado de uma linda história. Apenas lendo todo este conto é possível compreender do que se tratou este parto, mas não há espaço para isto. Creio, no entanto, que esta pequena parte é de enorme potência, suficiente para promover a seguinte discussão: Esta mulher soube o que fazer, “sem saber” nada do que estava havendo. Isso porque ela sabia de uma maneira diferente, estava vivenciando um modo diferente de pensar. De perceber e de agir. Ela estava deixando fluir seu corpo, seus movimentos, e eles não eram inconscientes. Incoerentes. O corpo desta mulher sabia o que fazer. Mas como poderia? Como poderia o corpo saber? Que inteligência do corpo é esta? Como ela funciona? De onde vem, e como se desenvolve?

Toda esta discussão me arrebatou. Eu não esperava por isto. Não poderia imaginar. Inicialmente, fiquei um tanto quanto perplexa. Mas era isto... O campo me dizia isto, me mostrava com toda a força. Eu não parava de pensar: Que inteligência do corpo é esta?

Encontrei base para refletir sobre este fenômeno nas ideias de Maxine Sheets-Johnstone. Esta filósofa escreveu *The Primacy of Movement* (2011), obra dedicada a defender a primazia do movimento no desenvolvimento e na vida dos seres animados. O livro é incrível e denso. Capítulo por capítulo, a autora nos conta a história natural da animação e mistura pensadores de diferentes áreas para questionar paradigmas e elucidar a questão: O movimento é a chave do desenvolvimento dos seres animados. Sua percepção e suas potencialidades cognitivas estão enraizadas no movimento. Segundo Sheets-Johnstone o movimento é nossa primeira forma de perceber o mundo, e de nos perceber no mundo. Movimento é conhecimento. O movimento é uma espécie de

pensamento, e mais que isto, é o primeiro modo de pensamento de qualquer ser animado vivente na Terra.

Sheets-Johnstone (2011) tece críticas às teorias cognitivas que ignoram a importância e a centralidade do movimento. Afasta-se das ideias baseadas em Descartes que compreendem a mente e o corpo como entidades separadas. Desafia as teorias que compreendem o pensamento como sendo unicamente realizado através de sistemas de significados conceituais e linguísticos. Discorda daqueles que apontam apenas a linguagem e o pensamento simbólico como ligados à consciência e a racionalidade. Segundo a autora, existem outras formas de pensar que são, inclusive, anteriores ao pensamento conceitual. Nossa primeira consciência é uma *consciência tátil-cinestésica* dos nossos próprios corpos em movimento. Esta consciência está presente desde os primórdios da vida, e é a base de nosso desenvolvimento cognitivo. Nós pensamos em movimento, nós temos pensamentos cinéticos. O movimento é pensamento.

Eu havia encontrado! Era a referência perfeita. Perdoem-me pela palavra repleta de emoção, subjetividade e exagero. Mas foi assim que me senti.

Sheets-Johnstone encerra seu livro com o capítulo *Thinking in movement*. Aqui, a autora utiliza a dança improvisada para dar um exemplo palpável, para falar sobre esta maneira diferente de pensar. Na dança improvisada o ser pensa fora de um sistema linguístico ou simbólico. Pensa com seu corpo em movimento. Quando um dançarino improvisa, ele flui, e está em ação uma consciência tátil-cinestésica, uma espécie de inteligência do corpo que possui significado. Mas este significado é inerente ao movimento, é o movimento em si. A ação não se refere a alguma coisa, a outra coisa. Não é um símbolo. É simplesmente ela própria, é sentido em si mesma. É um corpo se movendo em um fluxo criativo.

Sheets-Johnstone propõe que estudemos, cada vez mais, fenômenos da vida humana e animal, considerando a primazia do movimento. Ela propõe, em sua obra, uma grande virada de pesquisas que se volte a isto, que estude a vida animada atenta à centralidade do movimento. Ela salienta, diversas vezes, que a dança improvisada é um exemplo de *pensamento em movimento*. Assim como estratégias de caça de chimpanzés que a autora descreve em parte de seu texto. Exemplos. Exemplos que ela selecionou baseada em sua própria experiência, em suas observações, possibilidades. Mas o mundo está repleto deste fenômeno. Onde existe animação, existe o pensamento em movimento. Ele está ativo em nós, agora mesmo. Basta prestarmos atenção. Sendo



assim, sinto-me perfeitamente à vontade para expor o que acredito ser, baseado em minha experiência de campo e minhas reflexões.

Inspirada pelo que presenciei, pelo que vi, ouvi, e senti também, proponho que o parto é outro exemplo da habilidade humana de pensar em movimento. Não é idêntico ao que se encontra na dança improvisada, e não há motivo para que fosse. É diferente, é único. É uma experiência da vida humana onde pensamos em movimento. Uma espécie de movimento consciente está presente e é ativa nos trabalhos de parto. Acredito, sim, que as mulheres pensam em movimento durante o trabalho de parto, e além disto, que os bebês pensam em movimento durante o trabalho de parto. São dois seres, envolvidos em um mesmo processo.

O bebê? Sim. O bebê. E porque não poderia? Maxine Sheets-Johnstone fala muito sobre bebês ao longo de seu livro. Não é difícil entender por que eles são escolhidos como objeto de reflexão em um estudo sobre desenvolvimento, cognição, aprendizado, sobre conhecimentos cinestésicos. Conhecimentos anteriores ao saber simbólico, linguístico.

Falar sobre bebês é polêmico, e pode ser problemático, sim, a depender das colocações feitas. Mas não deixarei de me arriscar. Isto seria contraproducente. Os bebês são parte fundamental dos partos. Tudo isto só está acontecendo na vida destas mulheres porque estes fetos se desenvolveram. No parto, sabemos, eles são ativos. Para nascer, precisam realizar os giros... Não há uma forma única de vir ao mundo. Alguns bebês nascem de cabeça, outros de bumbum, alguns até de pé. Muitas movimentações dos fetos permitem e provocam a sua descida, mas nem todas. Se estes bebês estão se movimentando dentro do útero, e seus movimentos impactam o processo de parto, poderíamos chegar à conclusão de que seus movimentos são, de alguma maneira, conscientes do processo? Que há uma consciência tátil-cinestésica em ação? Afinal de contas, os bebês também estão pensando em movimento assim como suas mães?

Em variados momentos de seu texto, Sheets-Johnstone demonstra interesse pelas capacidades e a inteligência dos bebês. Citando estudos de psicólogos infantis, ela os apresenta como seres conscientes e ativos, que lidam desde muito cedo com significados. Na perspectiva da autora, o desenvolvimento inicial dos bebês está intrinsecamente vinculado ao movimento. É através da percepção do movimento – de si mesmo e do mundo ao seu redor – que os bebês constroem suas primeiras noções sobre a realidade. São noções de tempo e espaço. Noções tátil-cinestésicas. Na prática, os bebês vivenciam sua percepção destas realidades e as compreendem. O que estou

dizendo é que... Eles percebem o que acontece a sua volta. *Pesado, leve, longe, perto, rápido, lento*. São conceitos. Conceitos cinestésicos. *Aparecimento e desaparecimento. Aproximação e distanciamento. Pressão, abertura. Empurrar, puxar*. Os bebês percebem estas realidades e as discriminam. Eles interagem com elas, experimentam... Eles vivem e se desenvolvem nelas.

Segundo Sheets-Johnstone, mesmo enquanto estão dentro do útero materno, os bebês parecem possuir algumas noções básicas, capacidades perceptivas e relacionais. Eles sentem seu próprio corpo e o ambiente em que vivem. E eles sentem, principalmente, as mudanças neste ambiente. Sheets-Johnstone cita alguns trabalhos de psicologia infantil que explicam a inteligência e o desenvolvimento cognitivo dos bebês através da ideia de *efeitos*. Segundo estes estudiosos, seres humanos com muito pouco tempo de vida são capazes de perceber ações e seus respectivos *efeitos*. Por exemplo, a ação de empurrar algo e o efeito consequente do afastamento.

Estas duas informações sobre as capacidades dos bebês me fizeram refletir sobre o processo que estes seres vivenciam em um trabalho de parto. Se os bebês sentem seu ambiente através do movimento e das mudanças, sentem o trabalho de parto como algo muito forte. O parto é um momento de transformação. Tudo muda. A mulher que está parindo vivencia isto com enorme intensidade. Porque seria diferente para o bebê? Tente se colocar na perspectiva de um feto que, chegado a hora, sente todo o seu mundo mudar. O que antes era abrigo, meio natural, torna-se repentinamente um agente na atividade de “expulsar”. O corpo que acolhia, agora trabalha para fazer nascer. E este trabalho é corporal, é movimento. O útero contrai. Aperta, Empurra. Direciona. Onde antes havia espaço, agora não há. O que antes era rígido, amolece. Onde antes havia barreira, abre-se, lentamente, uma passagem. O bebê percebe tudo isto. E ele se meche. Sabemos que ele se meche. Podemos crer que estes movimentos são completamente aleatórios a tudo o que esta acontecendo. Ou... Por outro lado, podemos crer que este bebê percebe o processo, e com seu corpo animado, seu corpo *responsivo*, o vivencia de maneira *tátil-consciente*. Será que podemos entender este feto como um ser que está percebendo características do seu ambiente, vivenciando as transformações deste, e agindo através de suas básicas noções de *ação e efeito*? Penso que, se são capazes de perceber movimentos, prestam atenção especial às mudanças, lidam com noções espaço-temporais básicas, com ações e efeitos... Bem, eles provavelmente interagem com as possibilidades de movimento que surgem a partir das transformações do

ambiente uterino. A cada mudança, novas possibilidades de ação. A cada ação, efeitos perceptíveis.

É cristalino o fato de que os fetos não pensam através de sistemas simbólicos. Isto significa, no entanto, que simplesmente não pensam de maneira nenhuma? Que não possuem consciência alguma durante o processo de parto, e nem agem durante o mesmo? Não creio que seja assim. Percebo, neste ponto, que para mim, tudo isto é completamente lógico e potencialmente real. Eu, obviamente, sei praticamente nada sobre este processo que estou supondo existir. Todavia, confesso. Realmente creio que estes bebês possam estar agindo, se movimentando... Através de uma consciência tátil-cinestésica. Lidando com algumas noções cinéticas muito básicas, primordiais, como *fechado, aberto, mole, duro*.

Vejam só onde estou. Proponho que mulheres e bebês pensam em movimento durante o trabalho de parto. Proponho que, durante esta experiência, ambos os seres estão vivenciando uma maneira de pensar muito diferente daquela que geralmente consideramos. Uma maneira não linguística, não simbólica. Um saber pautado em movimento. Uma consciência-tátil cinestésica de si próprio e do ambiente. No parto, mulher e feto estão ativos. Mulher e feto se movimentam. E estes movimentos são essenciais para o sucesso do trabalho de parir e nascer. Para parir, a mulher precisa abrir, precisa ceder, precisa empurrar. E o feto? O feto precisa encaixar, precisa descer, precisa girar. Acredito eu que... Estes movimentos não são irracionais, aleatórios, inconscientes. Eles obviamente não são planejados, calculados. Não são uma espécie de plano. De dança coreografa. O parto é uma... Dança improvisada. É a dança da vida. A dança da morte. Creio eu que existe um nível de responsividade nos movimentos realizados pela mulher e pelo feto. Segundo Sheets-Johnstone, seres animados possuem, em diferentes níveis, responsividade em relação ao seu meio. Em relação às circunstâncias ambientais. Porque não haveria consciência em um processo tão essencial da experiência humana? Acredito que há consciência. E não é símbolo, nem língua. É corpo. É tato. É cinestesia. Conhecimento.

Mulher e feto. Gestação. Parto. Pensamento em movimento. O que sei sobre este processo? Praticamente nada. Nós sabemos muito pouco sobre este pensar em movimento do qual fala Sheets-Johnstone, ou sobre a própria primazia do movimento. A tradição de pensamento Ocidental percebe tudo isto de maneira muito diferente. O que se sabe sobre a partolândia? Sobre um estado diferenciado de percepção, ação e pensamento durante o trabalho de parto vivenciado pelas mulheres? A possibilidade de

um feto pensar em movimento numa relação dinâmica com a mulher que pare? Praticamente nada. Não sabemos praticamente nada. O que consegui desenvolver sobre divido com os interessados e curiosos em minha dissertação, com toda seriedade, teoria, amor e poesia que pude. Todavia, desejo saber mais. Muito mais. O que for possível saber. Quero me jogar nos estudos sobre este lugar desconhecido, enigmático. Quero investigar este fenômeno humano tão primordial para a vida, e ainda tão desconhecido no sentido da experiência de quem o vivencia. E é por isto que estou aqui, dividindo, divulgando. Quero me lançar em uma pesquisa sobre este fenômeno nebuloso. E quero saber sua opinião sobre. O que você acha?

Para finalizar este artigo, volto à questão da eficácia. Volto ao objetivo central de minha pesquisa, a pergunta que produziu e moveu este estudo: Qual a eficácia do parto natural para as mulheres? Ao fim de cada uma das conversas profundas que tive com as mães, fiz este questionamento: O que o seu parto precisa possuir para que você o considere eficaz, bom, para que seja aquilo que você espera? O que você deseja que aconteça no seu parto?

O que veio me esclareceu duas coisas: O desejo de cada mulher em relação a seu parto é único, como o próprio parto. Absolutamente original. As respostas, por vezes tão poéticas, endossam a ideia de que a eficácia se direciona a dimensão material, mas também a muitas outras. No entanto, algo une todas estas mães quando se trata sobre o que elas esperam. Todas afirmaram, a sua própria maneira, que desejavam a posse de seu parto. Todas queriam ser protagonistas. Ter voz. Poder. Decidir por si. Elas queriam ter a liberdade de fazer o que quisessem fazer, de seguir seu corpo, satisfazer suas vontades. Queriam ter auxílio, mas auxílio apenas. E se solicitado. Eram elas mesmas quem guiariam o parto.

**A posse de parto.** Isto fazia parte da eficácia do parto para as mulheres. E me levou a pensar sobre o *ritmo*. Algumas delas utilizaram a palavra ritmo enquanto falavam do parto que almejavam. Além disto, nas histórias que acompanhei durante minha pesquisa ficou evidenciada a importância fundamental das questões de temporalidade. Partos possuem ritmos. Eu diria, mais exatamente, que **partos são ritmos**. Os partos são experiências rítmicas, frequências únicas de contrações uterinas que provocam sensações em sua chegada, estadia, e partida. Esta ritmicidade não se repete. Cada parto é um. E o parto em si mesmo transforma-se várias vezes. Têm fases. O ritmo muda. Este ritmo é o parto. E este ritmo precisa se manifestar. O ritmo da mulher precisa ser respeitado.

Infelizmente, nem sempre isto acontece. Nos relatos de parto que constam na dissertação, ouvimos histórias onde o ritmo que emana da mulher foi acolhido. Ouvimos também histórias de partos que ocorreram baseados em outra temporalidade. Em uma ritmicidade externa, coordenada por outras pessoas, com outros interesses. O ritmo do hospital. O ritmo do médico. O ritmo da máquina. Nestas situações, as mulheres se sentiram invadidas em seu direito. É como se algo estivesse influenciando demasiadamente a experiência, tomando-a para seu controle.

Para todas com quem falei, isto era inaceitável. Com suas próprias estratégias, cada mulher construiu seu parto visando manter seu lugar de poder. Não queriam ser submetidas a outros, a outro ritmo. Leroi-Gourhan (2002) afirma que a vida social está repleta de ritmos. A rotina urbana, por exemplo, possui ritmos específicos. Assim como todos os autores citados até aqui, Leroi-Gourhan faz questão de salientar a enorme influência do social sobre o seu fenômeno de estudos, neste caso, as ritmicidades. Segundo o autor, cada um de nós vivencia ritmos cotidianos e está acostumado com eles. Todavia, em certas ocasiões, vivenciamos ritmos diferentes, extraordinários, e estes ritmos extraordinários podem nos levar a experiências diversas daquelas plausíveis em momentos comuns. Leroi-Gouhran aponta, inclusive, que esta é uma tradição humana: Criar ritmos que nos induzam a experiências extraordinárias. Creio que o parto é uma situação em que um ritmo extraordinário está presente. E em que este ritmo induz o ser a experiências diferenciadas de percepção e ação. Acredito que se relaciona a ritmicidade com a partolândia, com o pensar em movimento do qual falamos antes. O interessante é que este ritmo emana de algo que está fora, do movimento externo, de um instrumento. Ele emana da mulher.

Para as mulheres com as quais estudei, o respeito ao ritmo do parto é um pré-requisito a sua eficácia. Tendo o poder sobre o seu parto, a liberdade e o apoio para manifestar sua ritmicidade, elas estão bem. Elas estão prontas para construir e vivenciar sua experiência de parto do modo como desejam. Prontas para tornar reais suas vontades e atingir sua própria eficácia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Sistema de Información Científica Redalyc**: Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, Porto Alegre, p.6-25, abr. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84813117002>>. Último acesso em: 14/02/2019.

LEMONNIER, Pierre. Introduction. In: LEMONNIER, Pierre (Org.). **Technological Choices**: Transformation in material cultures since the Neolithic. New York: Routledge, 1993. P. 1-35.

LEROI-GOURHAN, André. Os fundamentos corporais dos valores e dos ritmos. In: **O Gesto e a Palavra 2**: Memórias e Ritmos. São Paulo: Edições 70, 2002. 248 p. Coleção Perspectivas do Homem.

MAUSS, Marcel. Sexta parte: As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p. Tradução de Paulo Neves. [Versão original “Sociologie et anthropologie” publicada em 1950].

PACIORNICK, MOYSÉS. **Aprenda a nascer e a viver com os índios**: Parto de cócoras, desempenho sexual e ginástica indígena. Editora: Rosa dos Tempos. p.154, 1997.

SHEETS-JOHNSTONE, Maxine. **The Primacy of movement**. 2. Ed. Amsterdã and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. 83 v.